



SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Sistema
Universitário
de Bibliotecas
UFBA

O FUTURO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
NA PERSPECTIVA DO ENSINO, INOVAÇÃO,
CRIAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO.

15 A 20 DE ABRIL DE 2018
Bahia Othon Palace Hotel, Salvador-BA

Eixo Inovação

AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS VISTAS SOB A PERSPECTIVA DE CENTROS CULTURAIS: INFORMAR, DISCUTIR E CRIAR.

*THE UNIVERSITY LIBRARIES UNDER THE PERSPECTIVE OF CULTURAL
CENTERS: INFORM, DISCUSS AND CREATE*

Resumo: Trata das bibliotecas universitárias vistas sob a perspectiva de centros culturais. Objetiva apresentar, discutir e refletir teoricamente sobre as bibliotecas públicas universitárias enquanto espaços polivalentes que integram o acesso ao conhecimento às ações de discussão, criação de novos conhecimentos e difusão de novas informações, além de estarem atentas às mudanças sociais, necessidades coletivas e formulações culturais características do mundo contemporâneo. Trata-se de uma pesquisa tem como objeto de estudo as bibliotecas públicas universitárias. Caracteriza-se como sendo uma pesquisa exploratória por ser estabelecida em critérios, métodos e técnicas. Utiliza-se de um método qualitativo permitindo o aprofundamento do objetivo a ser estudado a partir de levantamento bibliográfico com base em material já elaborado, constituído a análise das contribuições de diversos autores que já abordaram a questão como Milanesi (1997), Ramos (2008), Cenni (ano) abordando aspectos históricos e conceituais sobre o tema enfatizando nas considerações finais que o caminho é o do espaço polivalente, que integra o acesso ao conhecimento às ações de discussão, criação de novos conhecimentos e difusão de novas informações. Por fim, traz ainda o entendimento de Milanesi (1997) e outros teóricos acerca dos desafios que deverão ser encarados pelas bibliotecas universitárias em suas práticas culturais, são eles: informar, discutir e criar.

Palavras-chave: bibliotecas universitárias. centros culturais. ações culturais. práticas culturais.

Abstract: It deals with university libraries seen from the perspective of cultural centers. It aims to present, discuss and theoretically reflect on public university libraries as multipurpose spaces that integrate access to knowledge to discussion activities, creation of new knowledge and dissemination of new information, as well as being attentive to social changes, collective needs and characteristic cultural formulations of the contemporary world. It is a research whose object is to study public university libraries. It is characterized as being an exploratory research because it is established in criteria, methods and techniques. It is used a qualitative method allowing the deepening of the objective to be studied from a bibliographical survey based on material already elaborated, constituting the analysis of the contributions of several authors who have already addressed the issue such as Milanesi (1997), Ramos (2008), Cenni (year), discussing historical and conceptual aspects of the subject emphasizing in the final considerations that the way is the polyvalent space, which integrates the access to knowledge to the discussion actions, creation of new knowledge and diffusion of new information.

Finally, Milanesi (1997) and other theorists on the challenges faced by university libraries in their cultural practices are: inform, discuss and create.

Keywords: university libraries. cultural centers. cultural actions. cultural practices.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas públicas, especialmente as universitárias, enquanto espaços de informação têm acompanhado a evolução do aumento significativo do número e da variedade de documentos produzidos no século XX, abrindo espaços para novas possibilidades de conhecer, estabelecendo novas formas de organização, permitindo ao público o acesso livre à informação, contudo, de acordo com Milanesi (1997) na obra “*Casa de Invenção*”, essas instituições se estabeleceram a serviço quase que exclusivamente do ensino e da pesquisa, deixando de desempenhar um papel próprio no campo das atividades culturais.

Milanesi (1997) discute a relação entre biblioteca e centro cultural e descreve vários casos de criação de casas de cultura no país. Segundo o autor, a política cultural estabelecida no Brasil a partir da década de 40 colocou as bibliotecas públicas dentro de uma categoria à parte, sem relações orgânicas com o tecido cultural.

Diante disso, o presente trabalho objetiva apresentar, discutir e refletir teoricamente sobre as bibliotecas públicas universitárias vistas sob a perspectiva de centros culturais, visto que, conforme defende Ramos (2008), sabe-se que já não é mais possível construir uma biblioteca pública e um centro de cultura, como entidades distintas, pois a primeira deixou de ser apenas uma coleção de livros e a segunda só pode existir se as informações estiverem disponíveis.

Alguns autores, como Milanesi (1997), Cardoso & Nogueira (1994) e Nascimento (2004), sustentam que com a evolução tecnológica e desenvolvimento das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) foram criados novos mecanismos de acesso, seleção, organização e difusão das informações e, ao mesmo tempo, foram desenvolvidos outros modos de registrar e acessar a informação, relacionados ao aparecimento de novos suportes e mídias para registro; por isso, hoje, mais do que nunca, as bibliotecas públicas e, em especial as públicas universitárias, precisam evoluir do perfil tradicional para se tornarem, cada vez mais, centros culturais.

Nesse sentido, entende-se que as bibliotecas públicas, dentre elas, as universitárias, vistas sob a perspectiva de centros culturais, são instituições que nasceram no contexto da Sociedade da Informação, e que por isso, devem estar atentas às mudanças sociais, necessidades coletivas e formulações culturais características do mundo contemporâneo. Sendo assim, este trabalho com base em pesquisa exploratória e bibliográfica, traz aspectos históricos e conceituais sobre bibliotecas públicas vistas como centros culturais com o objetivo de mostrar que o caminho é o do espaço polivalente, que integra o acesso ao conhecimento às ações de discussão, criação de novos conhecimentos e difusão de novas informações. Por fim, traz ainda o entendimento de Milanesi

(1997) acerca dos desafios que deverão ser encarados pelas bibliotecas universitárias em suas práticas culturais, são eles: informar, discutir e criar.

2 AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS VISTAS COMO CENTROS CULTURAIS: ALGUMAS CONCEPÇÕES

De acordo com Martins (2002), no decorrer de sua existência material e espiritual, o homem sentiu a necessidade da criação de um ambiente que permitisse armazenar, organizar, controlar e recuperar as informações, impedindo assim sua dispersão. A criação da Biblioteca de Alexandria pode ser considerada um exemplo de biblioteca concebida para ser um centro cultural.

Segundo Battles (2003), exemplo de grande influência exercida na cultura antiga, foi fundada durante o reinado de Ptolomeu Sóter, no século III a.C., para ser o espaço capaz de concentrar em si toda a sabedoria acumulada pelo mundo grego e reunir, num mesmo lugar, todos os livros da terra, ação que produziu efeitos intelectuais, influenciou os modos da escrita, da leitura e a forma de gerir a memória da humanidade.

Aliada a um museu e a uma academia, em termos atuais, essa biblioteca seria uma combinação de centro de pesquisa, editora, instituto de estudos linguísticos, museu e repositório cultural, funções essas que muitas bibliotecas de hoje ainda estão por alcançar (BRAGA, 2004, p. 25).

Já no Ocidente, constata-se que, da Antiguidade até a Idade Média, “dentre as finalidades das bibliotecas, não constava a difusão dos saberes para uma coletividade mais ampla” (BRAGA, p.24, 2004), ou seja, as bibliotecas não eram concebidas para atender às necessidades do leitor, este era quase inexistente, pois os progressos instrucionais eram lentos, mesmo entre as classes privilegiadas.

Martins (2002) reforça essa afirmativa quando diz que do ponto de vista intelectual, a humanidade se dividiu, por séculos e séculos, entre iniciados à palavra e os não iniciados, sendo compreensível que a presença de leitores circulando por espaços de leitura não fosse uma prática comum.

É com a invenção da imprensa, entre 1450 e 1455, por Gutenberg (1398-1468), que se considera ser o momento decisivo para um afastamento do “culto aos mortos”, ao que era sagrado e que, por isso, merecia ser guardado e escondido, para celebrar a vida que, marcadamente, em relação às bibliotecas, se caracterizava pela laicização, democratização, especialização e socialização.

Segundo Braga (2004), é nesse contexto que várias transformações são verificadas, por exemplo, os avanços na ciência e tecnologia, certa diminuição do analfabetismo, a criação de universidades e, consequentemente, a necessidade de atendimento aos estudos acadêmicos, os quais dentre outros fenômenos, contribuíram para uma revolução nas funções da biblioteca, que se torna, progressivamente, um **centro de divulgação do saber** (grifo nosso).

A biblioteca passa a gozar, [...] do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta, tendo o seu fim em si mesma e respondendo a necessidades inteiramente novas [...] foi o livro, ou seja, a biblioteca, um dos instrumentos mais poderosos da abolição do ‘antigo regime’ (MARTINS, 2002, p. 323-324).

A uma democratização do espaço, correspondia o preparo do ambiente para atender as especificidades próprias das necessidades sociais e das relações que os leitores, agora provenientes de classes diversificadas, passavam a ter com a leitura e a escrita. Desse modo, a biblioteca:

não apenas abriu largamente as portas, mas ainda sai à procura de leitores; não apenas quer servir ao indivíduo isolado, proporcionando-lhe a leitura, o instrumento, a informação de que necessita, mas ainda deseja satisfazer às necessidades do grupo, assumindo voluntariamente o papel de um órgão sobrecarregado, dinâmico e multiforme da coletividade [...] (MARTINS, 2002, p.325).

O autor continua dizendo que, ao desempenhar esse papel, a biblioteca também amplia o sentido da palavra “pública”, que passa a não se aplicar só à biblioteca administrada por órgãos governamentais ou por entidades particulares, mas passa a ter uma noção de prestação de serviço público, entendido como “tudo o que deve comportar de flexibilidade e de adaptação a necessidades variadas”. (CAIN¹, 1939, citado por MARTINS, 2002, p. 326).

Ao tratar do tema, Jacob (2008) traz uma definição ampla de biblioteca quando afirma que:

lugar de memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira (JACOB, 2008, p.53).

Nuñes (2002) amplia a missão da biblioteca, defendendo-a como:

um centro cultural, um lugar de encontro onde cabem todos os cidadãos, independentemente de sua idade, formação, sexo, classe social ou profissional. A biblioteca é para todos e, por isso, deve dar respostas às necessidades informativas, de entretenimento, etc., que solicitem. Essas necessidades devem formular-se tanto no continente (edifício) como no conteúdo (fundo documental de diferente suporte) (NUÑES, 2002, p.242).

Para Nuñes (2002):

é muito importante saber que biblioteca queremos, que biblioteca consideramos a mais idônea para nossos usuários, qual vai ser o funcionamento da mesma e de cada uma de suas seções. Isso requer conhecer a fundo a cidade e o tipo de biblioteca que vamos planificar e outras características, como tipo de usuários tanto reais como potenciais, para adaptar a biblioteca a essas características (...) (NUÑES, 2002, p.243-244).

¹ CAIN, Julie. La civilisation écrite. In: Encyclopédie Française, v. 18. Paris: Larousse, 1939.

A ideia contemporânea de biblioteca é, portanto, a de um centro cultural. É o que afirma também Teixeira Coelho (1997):

se a biblioteca moderna e pré-moderna era o lugar da coleção, a biblioteca pós-moderna se apresenta (ou quer ser) como o lugar da informação, da discussão e da criação, rompendo vastamente com seus modelos passados (COELHO, 1997, p. 78).

Os centros culturais surgem como um modelo alternativo, que vem sendo desenhado e experimentado em diversos lugares do mundo. Abrigam, ao mesmo tempo, a identidade individual e a coletiva, por isso a sua democratização é fundamental como instrumentos que possibilitam ao homem o contato com a produção cultural para fruir e produzir.

Campos (1995) afirma que as bibliotecas entendidas como centros culturais, são núcleos de uma expressão cultural viva, criados para propiciar e desenvolver uma dinâmica cultural, com o objetivo de favorecer uma ação cultural na qual importa a criação, e não apenas o consumo, de cultura.

A mesma questão também é observada por Botelho (2003) que, ao analisar os equipamentos culturais da cidade de São Paulo, descreve a situação das bibliotecas públicas da capital:

pertencentes à esfera municipal, a maioria das bibliotecas têm ações que ultrapassam suas obrigações tradicionais, mantendo projetos para públicos específicos, tais como os de estímulo à leitura, voltado para crianças, assim como projetos para a terceira idade. Desenvolvem, ao mesmo tempo, uma gama de atividades ligadas às artes (dança, música, teatro, por exemplo). Algumas têm um núcleo Braille, outras mantêm pequenos museus ligados à história do bairro. Uma delas mantêm sessões semanais de cinema, numa região em que não há nenhuma sala cinematográfica comercial. Ou seja, percebe-se um esforço de se responder a demandas mais amplas do que simplesmente colocar livros à disposição de consultentes, funcionando, em alguns casos, como pequenos centros culturais (BOTELHO, 2003, p.6).

Portanto, dentro de uma concepção contemporânea, as bibliotecas públicas, aqui estão incluídas as universitárias, enquanto centros culturais, devem buscar caminhos para que sua atuação seja a de um centro aglutinador, gerador e disseminador de ações culturais e de informação.

Para Milanesi (1997), o que caracteriza esses espaços é a reunião de produtos culturais, sejam de que natureza forem, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos. São, portanto, espaços para conhecer, discutir e criar. “Quem entra num centro cultural deve viver experiências significativas e rever a si próprio e suas relações com os demais” (MILANESI, 1997, p. 28).

Quando se pensa nas bibliotecas que vêm atuando como centros culturais espalhadas pelo mundo, é possível observar uma tendência para o acúmulo de funções; o uso da tecnologia de forma a propiciar a criação de ambientes interativos e a espetacularização da cultura e da arte, visto que a cultura necessita de um espaço para si, pois é aquela que nasce da inquietação, do

conhecimento, da reflexão compartilhada. Como coloca Milanesi, “os centros culturais são espaços para cultivar a capacidade de romper e criar” (MILANESI, 1997, p. 145).

Assim, os centros de cultura são espaços que aglutinam atividades de criação, reflexão, fruição, distribuição de bens culturais. Constituem um núcleo articulador e gerador de ações culturais de criação. Devem dispor de infraestrutura que permita o trabalho cultural e devem propiciar o encontro criativo entre as pessoas.

Para Teixeira Coelho (1997), estes centros têm que criar condições para o surgimento de uma cultura viva, uma cultura que se faz pela experiência, que implica em consciência, entrega, disciplina e comprometimento. Uma cultura viva é construída pelos próprios sujeitos, em interação com outros sujeitos, com a obra de arte, com a informação; inseridos em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico.

3 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS E SUAS PRÁTICAS CULTURAIS: INFORMAR, DISCUTIR E CRIAR.

Ramos (2006) afirma que sejam quais forem as condições de atuação, o centro de cultura deve ser um espaço de descoberta, de desvelamento da realidade. Um centro de cultura deve fazer uma clara opção pelo indivíduo numa situação coletiva; ele só tem razão de existir se está comprometido com a formação de sujeitos e sua inserção na coletividade, valorizando ao mesmo tempo a diversidade e a individualidade.

Primeiramente, as bibliotecas públicas universitárias devem se apresentar como sendo um espaço da comunidade acadêmica, mas também da comunidade em seu entorno, interagindo com os acontecimentos locais, onde as pessoas devem se sentir convidadas a entrar e participar; tais centros culturais devem estimular seus frequentadores a expressarem o que percebem e sentem, devem possibilitar que todos participem ativamente como criadores e se apropriem do espaço.

Ainda segundo Ramos (2006), os centros culturais são o lugar onde a experiência deve se dar e, por isso, deve haver espaço para fazer circular ideias, sons, imagens, pensamentos que propiciem que o frequentador explore sua própria subjetividade e se encontre com suas próprias emoções.

Desta forma, as bibliotecas universitárias vistas como espaços de cultura, segundo Cenni (1991), devem proporcionar algo que vá além dos modelos escolares, das propostas eruditas e das práticas desinteressadas do lazer. Pois, “a função do centro cultural é procurar reativar as diferenças, diversificar o pensamento e mostrar que há outras formas de se olhar para o mundo além dos discursos oficializados pela escola, pela instituição e pela mídia” (CENNI, 1991, p. 199).

A biblioteca pública universitária pode, através da ação cultural, fazer com que as pessoas tomem consciência de si mesmas diante de si mesmas e do coletivo. E como a experiência da

vida social situa-se, em sua maior parte, em grupos, o centro cultural deve promover trabalhos com grupos, utilizando a matéria cultural do coletivo, de modo a propiciar a conscientização da pessoa e da sociedade.

O centro cultural deve promover encontros, debates, estimular e favorecer a convivência, como é colocado por Widmer¹⁵ (1979, citado por RAMOS, 2008), “implantadas num contexto urbano ou em região metropolitana, oferecem o lugar apropriado de encontro e transformação [...] dos homens entre si. Têm a finalidade da transformação de um privilégio em bem comum” (WIDMER², 1979, p. 32, citado por RAMOS, 2008, p.97).

Para o referido autor, o centro cultural é um instrumento de prática ideológica e política, e não um posto de serviço ou um centro de compras culturais. Não deve estar vinculada a uma camada ou classe social, mas também não pode ser apolítica ou neutra em suas ações.

Milanesi (1997) também toca na relação entre o centro e a cidade; para ele, o centro cultural deve estar conectado à cidade, deve estar atento e responder às demandas e anseios dos cidadãos, deve propiciar o encontro entre as pessoas e a cidade, deve possibilitar o entendimento dos acontecimentos contemporâneos e deve prestar serviços à população (fornecer informações e dados, esclarecer dúvidas, facilitar o acesso).

Para Ramos (2006), questões como globalização, tecnologias de informação e comunicação, identidade cultural e a importância da informação e do conhecimento estão na ordem do dia e devem estar contempladas nas ações e na própria maneira como esses espaços se organizam e atendem a seus usuários.

Ainda segundo Ramos (2006), os centros culturais atuam como espaço de encontro, experimentação e reflexão, mas, também como equipamento disseminador de informação. Isso acontece quando divulga suas atividades entre os usuários; quando promove seminários e debates; quando possibilita o acesso à internet e disponibiliza para seu público equipamentos multimídia; quando promove lançamento de livros, sessões de cinema, etc. Enfim, ao mesmo tempo em que realiza a ação cultural, o centro realiza a ação informacional.

Silva (1995) caracteriza o centro cultural como um organismo de informação, pois seria um local onde as pessoas encontram as informações úteis no dia-a-dia. Para ela, o centro cultural:

visa reunir bens culturais e colocá-los à disposição do público. [...] Entretanto, ele quer mais, quer ser um espaço de criação de novos bens. Isto garante a sua funcionalidade. Ao reunir os bens culturais pode se promover também a sua reinterpretação. O conhecimento adquire um caráter dinâmico. [...] Tudo passa a ser informação (SILVA, 1995, p.46).

Para Teixeira Coelho (1986) e também Milanesi (1997), os centros devem realizar ações que integrem três campos comuns ao trabalho cultural: criação, circulação e preservação. Para o primeiro campo, devem-se incorporar ações que visam estimular a produção de bens culturais.

² WIDMER, Ernst. Problemas da Difusão Cultural. In: Cadernos de Difusão Cultural. Salvador: Universidade Federal da Bahia –UFBA, 1979.

Devem-se promover oficinas, cursos e laboratórios; deve-se investir na formação artística e na educação estética de modo a possibilitar o contato sensível com o mundo, a ampliação das percepções e o aprendizado das diferentes formas de expressão artística.

Outra responsabilidade que os centros culturais têm é com a distribuição dos bens culturais e a circulação de informação. Uma vez produzido o bem cultural este deve ser tornado público, através de ações que possibilitem a participação da sociedade. A circulação do bem cultural e da informação, de acordo com Milanesi (1997), cria novas demandas culturais e informacionais, e esta é uma condição básica do trabalho cultural.

Da mesma forma, as demais funções a que se destinam os centros de cultura, como formação artística, estética e de público; fruição e recepção crítica de bens culturais; reflexão e construção da identidade estão ancoradas no acesso à informação. Por isso, Milanesi (1997) entende que os três verbos fundamentais a serem conjugados num centro de cultura são: informar, discutir e criar.

Informar seria o primeiro verbo conjugado num centro de cultura. A informação deve estar organizada e acessível. O centro deve disponibilizar a mais variada coleção de registros do conhecimento humano, apresentados em livros, jornais, revistas, fotos, discos, filmes e tantos outros tipos de suporte quanto a tecnologia permitir. As informações devem ser organizadas com os recursos da informática, que ficam mais baratos a cada dia e que permitem o acesso via computador e internet (RAMOS, 2006, p.103).

Ainda segundo a mesma autora, outro verbo importante a ser conjugado num centro cultural é: discutir. A biblioteca universitária vista como centro de cultura deve abandonar a postura passiva das antigas bibliotecas que organizavam as informações para atender a uma demanda e passar a oferecer a oportunidade de reflexão e crítica. Devem ser organizados seminários e ciclos de debates para que a ação de discutir potencialize a informação e, desta forma, se torne peça fundamental da ação cultural.

Por fim, o terceiro verbo, criar, é aquele que dá sentido aos demais. É, segundo Ramos (2006) o objetivo primeiro de um centro cultural, que deve ser gerador de estímulos, de novos discursos, de novas propostas. Assim, junto ao acervo e às atividades de discussão, deverão estar disponíveis salas para oficinas, laboratórios, experiências criativas, onde os frequentadores possam investigar, propor, expressar-se.

A invenção, segundo Milanesi (1997), só é possível mediante um trabalho de organização de estímulos e eliminação de obstáculos à liberdade de expressão. As bibliotecas universitárias devem buscar ser centros culturais, “indo contra os preceitos que pedem aos homens que não inventem, que não ousem, que não saiam da rotina, devem centrar na invenção de discursos o seu objetivo. Ou há criatividade ou não existe ação cultural” (MILANESI, 1997, p.181).

Assim se dá, nestes espaços, o ciclo da ação cultural:

o público tem acesso às informações, as elabora e discute para, finalmente, criar seu próprio discurso, expressá-lo por meio de diversas linguagens expressivas e, sempre que possível, registrá-lo para possibilitar a uma ação cultural contínua e permanente (RAMOS, 2006, p. 104).

Para Milanesi (1997), no que diz respeito à informação, a preocupação básica de um centro cultural deve ser com a gerência da informação para uma determinada coletividade e não com a gerência de um acervo. O acervo é posto a serviço da coletividade, mas a ação que objetiva informar vai muito além dos limites de uma coleção. O autor afirma que a base de toda atividade cultural é a disponibilidade de informações.

É preciso, essencialmente, conhecer o que já foi criado para poder criar uma nova expressão. Mas nada disso seria possível, no mundo atual, sem a organização, o acesso e a distribuição da informação. Por isso, a biblioteca universitária enquanto centro cultural, além de local de encontro, criação e fruição estética, deve ser um banco de informações culturais, com seu acervo bibliográfico, sua hemeroteca, discoteca e videoteca.

De acordo com Ramos (2006), nesse processo de promover acesso e a transmissão do conhecimento, os autores alertam para a necessidade de se levar em conta o perfil do usuário, suas demandas informacionais e o uso que cada frequentador do centro cultural faz da informação ali recebida ou acessada, pois, “a informação seria traduzida em conhecimento quando de sua assimilação e incorporação ao mundo do receptor, e aquele, por sua vez, a convertesse em ação” (NASCIMENTO, 2004, p.42-43).

Cenni (1991) propõe que os centros culturais funcionem como um espaço de “congestões” culturais, ajudando as pessoas a digerirem os milhares de produtos culturais e informações transmitidas pelos meios de comunicação de massa.

A principal função destes espaços, nesta perspectiva, seria a de auxiliar as pessoas a processarem os símbolos presentes em sua cultura, capacitando-se para dialogar com estes símbolos e, inclusive, tornarem-se produtores de novos símbolos, novas significações e novas atitudes. Assim, as bibliotecas universitárias ao atuarem como centros culturais “poderiam funcionar como um espaço de leitura crítica, apropriação, conciliação e intervenção na contemporaneidade, propondo uma relação de diálogo com a cidade, a comunidade, as pessoas, o seu entorno” (CENNI, 1991, p.206).

Segundo Ramos (2006), originando-se nas bibliotecas tradicionais, os centros de cultura têm a função primordial de garantir o direito à informação, de permitir a liberdade de chegar ao conhecimento, discuti-lo e produzir novo conhecimento. A informação é a matéria-prima da cultura dos homens contemporâneos. É forma e fundo, é linha e tecido, é também o divisor de águas.

Assim, cabe às bibliotecas públicas, aqui estão incluídas as universitárias, enquanto espaços de invenção e criatividade, fornecer aos seus usuários a matéria-prima para transformar a

realidade em que vivem e, desta forma, possibilitar que cada um, junto com todos, possa apropriar-se de sua cultura.

A matéria-prima, no mundo contemporâneo, é a informação produzida, transmitida, preservada. Essas instituições, nos moldes dos centros de cultura, caracterizam-se, então, como legítimos centros de informação.

Ao tratar de biblioteca pública, enquanto local inegável aberto à transmissão do conhecimento, que oferece oportunidades para o cidadão, o *Manifesto da Unesco* (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) traz a seguinte definição e diretrizes:

a biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os géneros. Os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. [...] Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As colecções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriados, assim como fundos tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As colecções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação. As colecções e os serviços devem ser isentos de qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa e de pressões comerciais (MANIFESTO DA UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 1994).

Esse Manifesto retrata a biblioteca pública, seja ela municipal ou universitária, como força em prol da educação, da cultura e da informação, além de instrumento indispensável para promover a paz e a compreensão entre povos e nações, sendo, pois, considerada como uma necessidade de qualquer sociedade. Porém, “para que ela se faça útil, deve estar de acordo com os determinantes econômicos, políticos e culturais da população a que se destina” (BRAGA, 2004, p.31).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida com base em procedimentos metodológicos (métodos e técnicas) considerados apropriados para alcançar os objetivos propostos, e envolveu fases, que foram desde a formulação do problema até a apresentação dos resultados.

Nesta pesquisa, portanto, a partir dos conceitos teóricos acerca das bibliotecas públicas vistas como centros culturais, pretendeu-se apresentar elementos que corroborassem a necessidade das bibliotecas públicas universitárias atuarem como verdadeiros centros de informação e cultura, espaços polivalentes.

Em relação à natureza da pesquisa, trata-se de uma **pesquisa aplicada**, pois pretende conforme explica Moresi (2003), gerar conhecimentos que possam ser aplicados na solução de problemas específicos, ligados, neste caso, ao campo das bibliotecas universitárias.

Quanto à forma de abordagem do problema, neste aspecto, a pesquisa é **qualitativa**, pois conforme explicação de Nascimento (2008) possui especificidades não passíveis de quantificação. A escolha também se apoiou na concepção de GONSALVES (2007), para a qual, a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, e com a interpretação de um fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica, ou seja, a adoção do método interpretativo.

Entende-se, portanto, que para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, foi necessário compreender os fenômenos ligados às bibliotecas públicas universitárias enquanto espaços culturais que podem possibilitar o acesso, disseminação e uso da informação e da cultura em suas práticas culturais.

Sob o ponto de vista dos seus objetivos, é uma pesquisa **exploratória**, pois conforme Gil (2009), a *pesquisa exploratória* tem como objetivo possibilitar uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais claro. Ou ainda, é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada ‘pesquisa de base’, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema (GONSALVES, 2007, p.67).

Assim, ainda segundo Gil (2009), neste trabalho, podem ser identificadas a pesquisa bibliográfica, que se vale das chamadas fontes de ‘papel’. A **pesquisa bibliográfica** entende-se como aquela desenvolvida com base em material já elaborado, constituído a análise das contribuições de diversos autores que já abordaram a questão.

Pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma.

Quanto à Identificação das fontes, foram utilizadas, em sua maioria, fontes impressas (em papel), livros técnicos, artigos de periódicos científicos (revistas), teses e dissertações, anais de encontros científicos; e de fontes digitais – e-books, textos da internet, oriundos de blogs, sites, artigos de repositórios digitais.

5 RESULTADOS

Tendo em vista que o presente trabalho é de natureza exploratória, eminentemente uma revisão de literatura, durante a pesquisa bibliográfica foram encontrados vários autores que produziram a respeito do tema de pesquisa abordado. Para tanto, elaborou-se um quadro comparativo dos autores mais citados no referido trabalho contendo os seguintes itens: *título, autores e ano, tema desenvolvido, principais considerações sobre o trabalho*, cujo objetivo foi apresentar uma breve

análise sobre a concepção de cada autor acerca da visão que se tem sobre biblioteca pública como centro cultural e suas proposições para que a instituição ‘biblioteca pública’, especialmente a pública universitária, se transforme em espaço de informação e cultura, voltado não só pra o acesso, mas para a produção da cultura.

Autor	Título	Ano	Principais considerações sobre a obra	Proposições do autor
BOTELHO, Isaura.	Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública.	2003	Traz uma análise dos equipamentos culturais da cidade de São Paulo, dentre eles, descreve a situação das bibliotecas públicas da capital que em 2003 a maioria das bibliotecas realizava ações que ultrapassavam suas obrigações tradicionais, desenvolvendo, ao mesmo tempo, uma gama de atividades ligadas às artes (dança, música, teatro, por exemplo), algumas funcionando como pequenos centros culturais.	Nessa obra, Botelho não traz conceitos sobre os centros culturais, bibliotecas, mas aponta uma série de dados quantitativos e análise qualitativa sobre as bibliotecas públicas da cidade de São Paulo com o objetivo de apontar possibilidades de melhor investimento de políticas públicas de cultura e usabilidade dos equipamentos pelas pessoas.
CENNI, Roberto.	Três centros culturais da cidade de São Paulo.	1991	Traz conceitos sobre a função do centro cultural e sua missão de ser um espaço que procura reativar as diferenças, diversificar o pensamento e mostrar que há outras formas de se olhar para o mundo além dos discursos oficializados pela escola, pela instituição e pela mídia.	Propõe que os centros culturais devem proporcionar algo que vá além dos modelos escolares, das propostas eruditas e das práticas desinteressadas do lazer;
COELHO NETO, J.T.	Dicionário Crítico de Política Cultural.	1997	Com relação à temática discutida neste trabalho, traz a ideia contemporânea de biblioteca vista e entendida como um centro cultural, afirmando que se a biblioteca moderna e pré-moderna era o lugar da coleção, a biblioteca pós-moderna se apresenta (ou quer ser) como o lugar da informação, da discussão e da criação, rompendo vastamente com seus modelos passados.	Propõe que estes centros criem condições para o surgimento de uma cultura viva, uma cultura que se faz pela experiência, que implica em consciência, entrega, disciplina e comprometimento. Propõe ainda que os centros devam realizar ações que integrem três campos comuns ao trabalho cultural: criação, circulação e preservação
JACOB, Christian.	Prefácio. In: BARATIN, Marc.; JACOB, Christian. O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente.	2008	Traz uma definição ampla de biblioteca como lugar de memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação;	Não traz propostas específicas para as bibliotecas como centros culturais, mas traz conceitos de biblioteca que podem ser adotados para as bibliotecas universitárias na perspectiva de se tornarem espaços de criação, diálogo, inovação e de estímulo à imaginação e à arte e a cultura.
MARTINS, Wilson.	A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.	2002	Em sua famosa obra “A palavra escrita”, conta a história do livro, dos primeiros registros escritos, da imprensa, o surgimento da instituição biblioteca e suas características ao longo da idade antiga, média, moderna incluindo a revolução de suas funções que, progressivamente, vai se constituindo um centro de divulgação do saber, passando a gozar do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta.	Não trata especificamente do conceito de bibliotecas como centros culturais, mas traz exemplos de bibliotecas ainda na antiguidade que tinham características de espaços para além de acervos de livros para consulta.
MILANESI, Luis.	A casa da invenção. O que é biblioteca.	1997 1989	Traz aspectos históricos da biblioteca pública no Brasil, seu perfil e serviços quase que exclusivamente voltados ao ensino e à pesquisa, deixando de desempenhar um papel próprio no	Traz os desafios que deverão ser encarados pelas bibliotecas em suas práticas culturais: informar, discutir e criar; as bibliotecas públicas como centros culturais devem atuar

			<p>campo das atividades culturais; discute a relação entre biblioteca e centro cultural e descreve vários casos de criação de casas de cultura no país;</p>	<p>como um núcleo articulador e gerador de ações culturais de criação; devem dispor de infraestrutura que permita o trabalho cultural e devem propiciar o encontro criativo entre as pessoas. Propõe também que o centro cultural deve estar conectado à cidade, deve estar atento em responder às demandas e anseios dos cidadãos, deve propiciar o encontro entre as pessoas e a cidade, deve possibilitar o entendimento dos acontecimentos contemporâneos e deve prestar serviços à população (fornecer informações e dados, esclarecer dúvidas, facilitar o acesso).</p>
NUÑES, Eloy Martos.	Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural. In: RÖSING, Tânia M. K.; BECKER, Paulo. (Orgs). Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca.	2002	<p>Traz conceitos e amplia a função/missão da biblioteca, defendendo-a como um centro cultural, um lugar de encontro onde cabem todos os cidadãos, independentemente de sua idade, formação, sexo, classe social ou profissional. Traz a concepção de biblioteca para todos que deve ter o compromisso em dar respostas às necessidades informativas, de entretenimento, etc., que sejam solicitadas.</p>	<p>Propõe que é preciso saber que biblioteca queremos, que biblioteca consideramos a mais idônea para nossos usuários, qual vai ser o funcionamento da mesma e de cada uma de suas seções;</p> <p>Propõe que haja o conhecimento a fundo da cidade e o tipo de biblioteca que vamos planificar e outras características, como tipo de usuários tanto reais como potenciais, para adaptar a biblioteca a essas características.</p>
RAMOS, Kátia et. al	Centro de Cultura Belo Horizonte: relatório de visita apresentado como trabalho final do seminário “O Centro Cultural como Centro de Informação”.	2006	<p>Traz conceitos sobre os centros culturais como lugares onde a experiência deve se dar; espaços para fazer circular ideias, sons, imagens, pensamentos que propiciem que o frequentador explore sua própria subjetividade e se encontre com suas próprias emoções. Descreve os centros culturais como instituições que atuam como espaço de encontro, experimentação e reflexão e também como equipamento disseminador de informação.</p>	<p>Propõe que sejam quais forem as condições de atuação, o centro de cultura deve ser um espaço de descoberta, de desvelamento da realidade, fazendo uma clara opção pelo indivíduo numa situação coletiva; propõem ainda que as bibliotecas públicas universitárias devem se apresentar como sendo um espaço da comunidade acadêmica, mas também da comunidade em seu entorno, interagindo com os acontecimentos locais, onde as pessoas devem se sentir convidadas a entrar e participar; estimulando seus frequentadores a expressarem o que percebem e sentem e possibilitando que todos participem ativamente como criadores e se apropriem do espaço.</p>
RAMOS, Luciene Borges.	Centros de cultura, espaços de informação: um estudo sobre estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto.	2008	<p>Defende que já não é mais possível construir uma biblioteca pública e um centro de cultura, como entidades distintas; defende o centro cultural como um instrumento de prática ideológica e política, e não um posto de serviço ou um centro de compras culturais.</p>	<p>Propõe que os centros culturais não devam estar vinculados a uma camada ou classe social, mas também não sejam apolíticos ou neutros em suas ações; propõe ainda que promovam encontros, debates, estimulando e favorecendo a convivência.</p>
<p>Com o quadro, foi possível identificar que CENNI (1991), COELHO NETO (1997), MILANESI (1997), NUÑES (2002), RAMOS (2006) e RAMOS (2008) são os autores que trazem uma série de conceitos sobre bibliotecas públicas, centros culturais e a indissociabilidade entre biblioteca pública e centro cultural visto que não há mais espaço na contemporaneidade para bibliotecas nos moldes tradicionais. Os referidos autores trazem uma série de desafios que deverão ser encarados pelas bibliotecas públicas enquanto centros culturais: informar, discutir e criar; atuando como núcleos articuladores e geradores de ações culturais de criação; atendendo as demandas e anseios dos cidadãos, contribuindo para a cidadania plena.</p>				

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Públicas (1994) defende que as bibliotecas públicas, aqui inclui-se as universitárias, atuem como um centro de informação para a coletividade, um espaço que se abre para o lazer; e de preservação da memória, sabe-se que a biblioteca pública ainda permanece distante dessas formas de ação. É preciso que essas bibliotecas direcionem o seu acervo e atividades a fim de atender aos desejos de seus usuários.

Para que isso aconteça, a mudança precisa começar na escola, visto que se não há um ensino voltado para a valorização da biblioteca enquanto espaço de acesso, produção, disseminação e uso da informação, da cultura, da educação o povo não irá procurar essa instituição.

A biblioteca não pode ser algo distante da população, ela deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento e com base nessa reflexão se produz conhecimento novo. Quando essa instituição não consegue cumprir essa missão, passa a atuar como um local onde há acervos inúteis ou encyclopédias para estudante copiar verbetes.

Fica evidente, portanto, que não é possível pensar a biblioteca hoje sem que se considere a liberdade de acesso à informação como um direito humano para o exercício do pensamento criador. É preciso entender que há um círculo perpétuo, ou seja, a informação produzida é organizada e colocada à disposição de um determinado público que acessa os dados, combinando-os, faz análise e crítica, gerando um novo produto informativo que, por sua vez, deve ser integrado num serviço que permita o acesso do público.

Nesse sentido, o esforço deverá ser incrementar a biblioteca, transformando-a efetivamente num centro onde não apenas se tem o acesso à produção cultural da humanidade, mas onde também se produz cultura, pois, a partir do momento que a biblioteca assume a função de casa da cultura, que disponibiliza uma infraestrutura que permite a realização de uma série de atividades no campo das artes, torna-se claro que ela deixa de ser apenas lugar de memória, preservação e acesso, passa a ser também o lugar do fazer.

Quando a biblioteca passa a ser espaço também do fazer criativo, há uma transformação radical, uma vez que a biblioteca sempre se caracterizou como sendo uma instituição que organiza a informação, colocando-a à disposição do público. Portanto, trata-se de um esforço de crescimento coletivo pois é a ação que leva a repensar a informação. Milanesi já afirmava que a biblioteca só atinge plenamente a sua função quando, além de propiciar a leitura, garante a seu público o ato de dizer e escrever.

REFERÊNCIAS

BATTLES, Matthew. A conturbada história das bibliotecas. São Paulo: Planeta, 2003.

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. **Revista Espaço e Debates - Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo, v.23, n.43-44, jan/dez, 2003.

BRAGA, Maria de Fátima Almeida. A biblioteca pública como um lugar de signos. **Infociência**, São Luis, v.4, p. 21-34, 2004. Disponível em:<<http://www.braptci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004283&dd1=1fb0>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

CAMPOS, Shirleti Amorim. **As bibliotecas públicas são centros culturais ou os centros culturais são o milagre do século?**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), Centro de Ciências Humanas, UNI-RIO, 1995. 104p.

CARDOSO, Ana Maria; NOGUEIRA, Maria Cecília D. Projeto de implementação do Centro de Cultura de Belo Horizonte. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n2. p.203-216, jul/dez. 1994.

CENNI, Roberto. **Três centros culturais da cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1991. 334p.

COELHO NETO, J.T. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. 12.reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc.; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3.ed. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2008.

MANIFESTO da UNESCO sobre bibliotecas públicas (1994). Disponível em:
<http://www.sdum.uminho.pt/bad/munesco.htm>. Acesso em 20 fev; 2014.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, Luis. **A casa da invenção**. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

_____. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Primeiros Passos, 94).

MORESI, Eduardo (Org.). **Metodologia da pesquisa**. 2003. Apostila (Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, 2003. Disponível em://
<http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2013.

NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática**. 2.ed. rev. e atual. Belo Horizonte: Fórum, 2008.

NASCIMENTO, Flávio Martins e. **Ação e informação em centros culturais: um estudo sobre o instituto Tomie Ohtake**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). PUC Campinas, Campinas, 2004.

NUÑES, Eloy Martos. Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural. In: RÖSING,

Tânia M. K.; BECKER, Paulo. (Orgs). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002.

OLIVEIRA, M.C.G.; OLIVEIRA, S.R. de; AZEVEDO, H. Política cultural, memória e informação: práticas e articulações para a construção social. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação, 11, Rio de Janeiro, out. 2008. Disponível em: <<http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/paper/2010>>. Acesso em: 10 out. 2013.

RAMOS, Kátia, SOUZA, Lívia, DIAS, Mônica, FELIX, Patrícia, FERREIRA, Zenaide. Centro de Cultura Belo Horizonte. **Relatório de visita apresentado como trabalho final do seminário “O Centro Cultural como Centro de Informação”**, ECI/UFMG, Minas Gerais, out. 2006.

RAMOS, Luciene Borges. **Centros de cultura, espaços de informação**: um estudo sobre estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

SILVA, Maria Celina Soares. **Centro cultural** – construção e reconstrução de conceitos. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), Centro de Ciências Humanas, UNI-RIO, Rio de Janeiro, 1995.